

MEDITAR A MISERICÓRDIA

Extratos da *Misericordiae Vultus*,
BULA DE PROCLAMAÇÃO DO JUBILEU
EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA



Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. Na «plenitude do tempo» (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor.

O mistério da misericórdia é fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação.

Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro.

Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida.

Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.



Fixemos o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai.

A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa.

Misericórdia é ir ao encontro de todas as pessoas levando-lhes a bondade e a ternura de Deus.

Que a todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós.

É próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a sua onnipotência.

Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que está presente, Aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso.

« Paciente e misericordioso » é o nosso Deus.



A misericórdia de Deus revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até ao mais íntimo das suas vísceras. A misericórdia é um amor « visceral ». Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão.

« Eterna é a sua misericórdia ».

A missão, que Jesus recebeu do Pai, foi a de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude. «Deus é amor» (1 Jo 4, 8.16)

O amor de Deus tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus. A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. Tudo n'Ele fala de misericórdia. N'Ele, nada há que seja desprovido de compaixão.

Somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco.

O perdão das ofensas torna-se a expressão mais evidente do amor misericordioso e, para nós cristãos, é um imperativo de que não podemos prescindir. Tantas vezes, parece difícil perdoar! E, no entanto, o perdão é o

instrumento colocado nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração. Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para se viver feliz.

« Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia » (Mt 5, 7)



Deus não Se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável. Aliás, o amor nunca poderia ser uma palavra abstrata. Por sua própria natureza, é vida concreta: intenções, atitudes, comportamentos que se verificam na atividade de todos os dias.

A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós. Ele sente-Se responsável, isto é, deseja o nosso bem e quer ver-nos felizes, cheios de alegria e serenos.

Tal como ama o Pai, assim também amam os filhos. Tal como Ele é misericordioso, assim somos chamados também nós a ser misericordiosos uns para com os outros.

A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo.

Este é o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança.

É urgente anunciar e testemunhar a misericórdia no mundo.

Cristo impele-nos a proclamar a misericórdia como amor misericordioso de Deus e a implorá-la nesta fase difícil e crítica da história da Igreja e do mundo.



A Igreja (o cristão) vive uma vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador.

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, e por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa.

A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo, um amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo. Onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai.

Jesus diz-nos: « Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso » (Lc 6, 36).

Vivamos este Ano Jubilar à luz desta palavra do Senhor: *Misericordiosos como o Pai*.

Para sermos capazes de misericórdia, devemos primeiro pôr-nos à escuta da Palavra de Deus. Isso significa recuperar o valor do silêncio, para meditar a Palavra que nos é dirigida.

Deixemo-nos abraçar pela misericórdia de Deus e sejamos misericordiosos com os outros como o Pai o é connosco.



A misericórdia é uma meta a alcançar que exige empenho e sacrifício. « Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e ser-vos-á dado: uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco » (Lc 6, 37-38).

Sejamos instrumentos do perdão, porque primeiro o obtivemos nós de Deus. Sejamos generosos para com todos, sabendo que

também Deus derrama a sua benevolência sobre nós com grande magnanimidade.

Na misericórdia, temos a prova de como Deus ama. Ele dá tudo de Si mesmo, para sempre, gratuitamente e sem pedir nada em troca.

Deus vem em nosso auxílio, quando O invocamos. O auxílio que invocamos é já o primeiro passo da misericórdia de Deus para conosco. Ele vem para nos salvar da condição de fraqueza em que vivemos. E a ajuda d'Ele consiste em fazer-nos sentir a sua presença e proximidade. Dia após dia, tocados pela sua compaixão, podemos também nós tornar-nos compassivos para com todos.

Não podemos escapar às palavras do Senhor, com base nas quais seremos julgados: se demos de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede; se acolhemos o estrangeiro e vestimos quem está nu; se reservamos tempo para visitar quem está doente e preso (cf. *Mt* 25, 31-45).

De igual modo ser-nos-á perguntado se ajudamos a tirar da dúvida, que faz cair no medo e muitas vezes é fonte de solidão; se fomos capazes de vencer a ignorância...; se nos detivemos junto de quem está sozinho e aflito; se perdoamos a quem nos ofende e rejeitamos todas as formas de ressentimento e ódio que levam à violência; se tivemos paciência, a exemplo de Deus que é tão paciente conosco; enfim se, na oração, confiamos ao Senhor os nossos irmãos e irmãs.

Em cada um destes « mais pequeninos », está presente o próprio Cristo. A sua carne torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga ... a fim de ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós.



Este é o momento favorável para mudar de vida! Este é o tempo de deixarmos tocar o coração. É o momento de ouvir o pranto das pessoas inocentes espoliadas dos bens, da dignidade, dos afetos, da própria vida.

Permanecer no caminho do mal é fonte apenas de ilusão e tristeza. Deus não se cansa de estender a mão. Basta acolher o convite à conversão...

Deixemo-nos surpreender por Deus. Ele nunca se cansa de escancarar a porta do seu coração, para repetir que nos ama e deseja partilhar conosco a sua vida.

Do coração da Trindade, do íntimo mais profundo do mistério de Deus, brota e flui incessantemente a grande torrente da misericórdia. Esta fonte nunca poderá esgotar-se, por maior que seja o número daqueles que dela se abeírem. Sempre que alguém tiver necessidade poderá aceder a ela, porque a misericórdia de Deus não tem fim.

« Lembra-te, Senhor, da tua misericórdia e do teu amor, pois eles existem desde sempre » (*S/* 25/24, 6).

Mãe da Misericórdia, a doçura do teu olhar nos acompanhe neste Ano Santo.

Salve Rainha, volve para nós os teus olhos misericordiosos e faz-nos dignos de contemplar o rosto da misericórdia, o teu Filho Jesus e que na existência de cada dia, a misericórdia do Pai se estenda sobre nós.

